

Comitê de bancos considera essencial ter credibilidade

Kristina Michahelles

A recuperação da credibilidade na condução da economia brasileira, tanto no plano externo como internamente, é a questão crucial para que os bancos internacionais deem partida a uma nova etapa no processo de renegociação da dívida. Este é o sentimento dos sete integrantes do subcomitê de economia do Comitê de Assessoramento formado pelos 26 principais credores do Brasil, segundo um economista brasileiro que manteve contato com o grupo.

Para reacender esta confiança no Brasil, a condição *sine qua non* seria o encaminhamento positivo das atuais negociações entre o Governo brasileiro e o FMI. Mas os representantes dos bancos estrangeiros avisaram que além do *sinal verde* por parte do gerente-geral do Fundo, Jacques de Larosière, a comunidade financeira internacional precisa ter *mostras de uma política econômica adequada* também no plano interno.

De acordo com um outro interlocutor do grupo, uma vez preenchidos estes dois pré-requisitos, a comunidade financeira internacional estaria preparada para aceitar uma renegociação de prazo mais longo, até mesmo porque já existe pleno reconhecimento de que o Brasil continuará precisando de dinheiro novo para financiar o seu déficit em cont corrente durante os próximos três anos, no mínimo, incluindo o segundo semestre deste ano.

Torcida

Douglas Smee, do Bank of Montreal (chefe do grupo); Junji Takaoka, do Banco de Tóquio; Thomas Trebat, do Banker's Trust; Bryce Ferguson, do Citibank; Robin Chapman, do Lloyd's; Ja-

mes Nash, do Morgan, e Hans Grimm, da União de Bancos Suíços, estão no Brasil desde domingo e deverão retornar individualmente no decorrer da próxima semana, segundo informou ontem um deles. Partiu do próprio grupo — que elabora um extenso relatório sobre a situação da economia brasileira — a solicitação para encontros e conversas com economistas brasileiros.

A principal dúvida manifestada ontem pelos economistas estrangeiros durante essas conversas é até que ponto a política econômica interna dá sustentação a qualquer plano de financiamento externo de prazo mais longo. Embora considerem que as últimas decisões do Governo estejam no caminho certo, segundo um dos interlocutores, os economistas ainda estão confusos com a sucessão de medidas e pacotes aprovados nas últimas semanas e, sobretudo, com a falta de credibilidade e a insegurança internamente. Acreditam que esse clima de insegurança, que puderam captar ao longo dessa semana, pode vir a prejudicar os esforços de ajuste da economia nacional.

Convencidos de que, desta vez, o Brasil se acertará com o Fundo Monetário, os sete representantes de bancos estrangeiros estão *torcendo*, na expressão de um dos interlocutores, para que rapidamente o Brasil dê algum sinal positivo de que a política doméstica também está funcionando adequadamente. Afinal, comentou um outro participante das conversas, a boa vontade dos banqueiros pode ser explicada pela total impossibilidade de um descasamento entre o Brasil e a comunidade financeira internacional.